



## NICOTINE'S ORCHESTRA

**“Homem em movimento (...) vem criando um dos mais interessantes percursos no actual rock português.”**

Mário Lopes, *Público*

Nick Nicotine é o director do mais importante festival de garage rock da península ibérica, o Barreiro Rocks; é gerente do Estúdio King, incubadora do muito talento local da sua cidade; é o fundador de uma das mais antigas editoras de rock no país, a Hey! Pachuco; é, sobretudo, um dos mais importantes nomes da música independente na última década em Portugal.

Depois de liderar os magníficos THE ACT-UPS, nome obrigatório numa história a escrever do melhor rock n' roll feito em território nacional, formou a sua NICOTINE'S ORCHESTRA, que no espaço de quatro anos lançou 3 álbuns fundamentais: “La trahison des sons”, “Open Water” e “Ghosts and Spirits”. Foi precisamente este último disco que lhe granjeou uma atenção mais do que merecida um pouco por todo o país, através da imprensa, de uma cada vez maior base de fãs, ou via convites para colaborações com músicos como Tiago Guillul (da editora Flor Caveira) ou Fred Pinto Ferreira (baterista omnipresente em vários dos grandes projectos da música nacional actual, como Os Dias de Raiva, Orelha Negra ou Buraka Som Sistema).

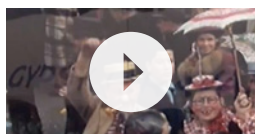
A música desta orquestra faz-se de guitarras atormentadas pelo blues, de teclados hammond que se erguem para que o gospel profano se faça ouvir, e de uma voz de soulman que escala paredes acima, em canções que capturam o espírito de tudo o que de bom a música de raízes norte e sul americanas nos ofereceu nos últimos 50 anos.

“Gypsicalia”, o seu último trabalho de originais, que conta com as participações especiais dos gigantes brasileiros Alex Kassin e Marcelo Camelo e da portuguesa Miúda, assinalou um marco na discografia da Nicotine's Orchestra: o da transcendência definitiva das fronteiras anglo-saxónicas nas quais sempre se movimentou e a abertura natural ao mundo da canção celebratória, agregadora e encantadora de multidões.

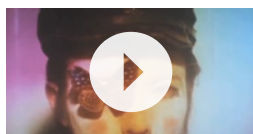
“77D13”, o seu novo lançamento, com o selo Optimus Discos, revisita todo este percurso singular, recuperando momentos da discografia da Orchestra, oferecendo-lhes novas roupagens, e mostrando de forma ainda mais marcante a visão tão pessoal de um cada vez mais certo escritor de canções, bem evidente em ‘Luna Loca’, tema inédito que encerra em beleza este disco.

Ao vivo, Nick Nicotine & Sus Muchachos instalam a festa em qualquer palco, em qualquer sala, a qualquer momento, numa celebração intensa de amor à música, aos blues, ao tropicalismo, à soul, ao rock n'roll.

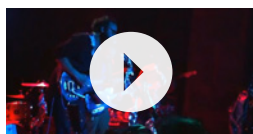
## VÍDEOS



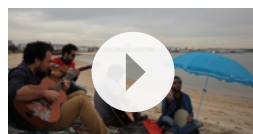
“Tropic of Capricorn”



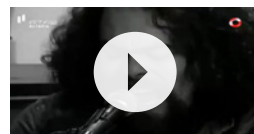
“Sunny Day”



“Mais Tarde” c/ Marcelo Camelo



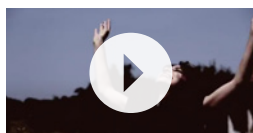
“Tropic of Capricorn” MPAAGDP



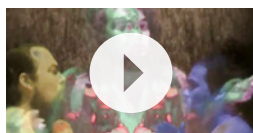
5 para a meia-noite



“Oh Night”



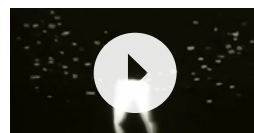
“Open Water”



“Love Sweet Divine”



“Rosario”



“All men lie”

# PRESS

→ Entrevista ao Ípsilon (Jornal Público)

→ Entrevista ao magazine Le Cool Lisboa

## «Novo álbum, as sombras e fantasmas em luz de tropicalismo e fantasias rock

Nick Nicotine está nos seus domínios, nos Estúdios King, no Barreiro, antigo bairro operário que é hoje o complexo Baía do Tejo. À volta, guitarras, posters, revistas e biografias musicais (John Peel e Slash andam por ali). À nossa frente, as colunas, computador e mesa de mistura. Ali ouviremos Gypsicalia, o novo álbum da Nicotine's Orchestra, a apresentar esta noite na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, às 23h.

Homem em movimento, assim o classificámos no Ípsilon aquando da edição de Ghosts & Spirits, o anterior álbum. Porque está sempre atarefado com mil ideias, e porque vem criando um dos mais interessantes percursos no actual rock português. Esta noite, quando já se pode ouvir Gypsicalia em <http://nicotinesorchestra.bandcamp.com> (o formato físico chega no final de Setembro), conheceremos o álbum em palco. Nele colaboram os brasileiros Marcelo Camelo e Alex Kassin e a portuguesa Mel, vocalista dos Miúda (também no concerto). Nick Nicotine, boné adornado com um pin do Marco Paulo clássico (fase Niguém niguém), confessará que tem andado fascinado com a música brasileira, principalmente com o período tropicalista. Acto contínuo, explica que o medo que tem de andar de avião lhe servirá de protecção – criou uma imagem perfeita do Rio dos anos 1960 e não quer correr o risco de a destruir. Faz todo o sentido.

Nick Nicotine pertence aos Act Ups, a banda de garage rock que se travestiu de deuses gregos, Darth Vaders e personagens de filme de série B para Plays the Old Psychedelic Sounds of Today. Pertence também aos Los Santeros, combo de mexicali punk rock que se diz originário de Tijuana, e aos Bro-X, trupe de sátiros hip hop que carregam no vernáculo para criar uma homenagem tresloucada ao género. Ou seja, Nick Nicotine, amante da soul de Wilson Pickett, de sopros mariachi ou do rock'n'roll regado a fuzz, gosta de criar fantasias alicerçadas na música popular urbana. Sem distâncias entre a história legitimada e por legitimar. Em Gypsicalia, ouvem-se de início guitarras acústicas e percussões luxuriantes. É a entrada na selva. Mais à frente, há histórias de traições em cenário latino-americano mas que não acabam com sangue e navalhadas (o traído vira costas e vai dançar boogaloo) ou uma canção que soa às digressões cósmicas dos alemães Can transportadas para o deserto no Texas. Nicotine sorri e corrige: “É uma viagem espacial entre o [supermercado] Feira Nova e o estúdio.”

Nick Nicotine é um dos fundadores da Hey Pachuco!, editora-motor do Barreiro Rocks, oásis de espírito rockeiro marginal, mesclado com festa popular, que deixou a sua marca na história dos festivais portugueses. Este homem, repetimos, tem sempre muito que fazer. Mas para resumir a sua biografia, basta uma visita ao site da Nicotine's Orchestra. Lê-se: “Nick nicotine nasceu em 1977. Faz canções. Irá eventualmente morrer.”

A Nicotine's Orchestra nasceu como one man banda mas rapidamente abandonou as estreitas fronteiras do formato. Ghosts & Spirits, o segundo álbum, de 2010, era, como o título indicia, uma viagem por um mundo de fantasmas, ou seja, os velhos mestres do blues e da soul. Nele, um homem só gravou todos os instrumentos nas horas mortas do estúdio. Gypsicalia não foi um homem a lidar com os seus fantasmas. Foi trabalho de uma banda a dar corpo às viagens que o mentor queria transformar em canções clássicas. Nessa banda encontramos Ferd Ferreira, baterista de mil ofícios (Buraka Som Sistema, Orelha Negra, Miúda) ou o guitarrista índio Elusivo. Depois de Nicotine descrever a corrida até à estação de serviço mais próxima para comprar uma cassette dos Gypsy Kings, quando lhe surgiu a ideia inicial para Gypsicalia, é Índio Elusivo que nos conta que todos os ensaios da banda acabam com versões de Djobi Djoba (ou dos Guns N'Roses). Não é surpresa, portanto, ouvir Marcelo Camelo pôr a sua voz em modo crooner num spoken word em Tropic of Capricorn e Alex Kassin a dar toque haviano, via pedal steel, à despedida do álbum: começamos na selva, acabamos na praia.

A viagem de Gypsicalia, entre a folk bucólica e o rock como arma lúdica, entre o exotismo da selva, um club abafado por corpos suados e o calor de uma praia paradisíaca, não é, diz-nos Nicotine, “um disco em busca de iluminação”. Nada disso. “É um disco em que a luz muda.” Muitas viagens, a mesma orquestra.»

**Mário Lopes, Público**

«A Nicotine's Orchestra apresentou-se como a "one man band" do barreirense Nick Nicotine, mas chegados ao segundo álbum, a designação deixou de fazer sentido. Ainda bem, dizemos nós. Porque "os fantasminhas" que Nicotine foi ouvindo durante as gravações, e que o obrigaram a acrescentar instrumentos e a fazer crescer as canções até serem corpo completo, nada spectral, transformaram a orquestra de um homem só num portento rock'n'roll que disparou em várias direcções.

Num álbum com aspecto de jukebox (há garage à Dirtbombs, o "boom chika boom" de Luther Perkins, rock'n'roll a sonhar com os anos 1950 ou soul para órgão e coro bem afinado), duas coisas asseguram-lhe a coerência. A voz de Nicotine, cheia e expressiva, e um certo tom assombrado que sobressai mesmo quando os riffs se erguem, o Hammond espalha luz em volta e, como em "Let you down", nos deparamos com um épico "Springsteeneano" que não imaginávamos que Nicotine tivesse dentro de si.

"Ghosts and Spirits" é um álbum de canções, uma colecção de "standards" apenas aparentemente desalinados. Porque se foram "fantasmas" que o ajudaram a nascer, então são fantasmas que temos. Mas que nada de negativo se retire da afirmação. São belíssimas estas assombrações. Blues infernizado pelo espírito de Screaming Jay Hawkins e por corrosão Nick Cave ("Mighty river"), a sentida homenagem aos Sun Studios que acolheram Presley e Cash ("Help me with the devils inside me", grita a voz em "Help me"), a resposta às canções de fronteira de Dan Sartain, tresloucado rock'n'roller de talento imenso, na despedida, "Time", e, antes disso e por todo o lado, as maravilhas do rock'n'roll que acelera e que chocalha o esqueleto para termos a certeza que existe vida no corpo que se move. Basta conferir o "boogie" distorcido de "I smell trouble" para o confirmar. Sim, estamos vivos (e há fantasmas a dançar à nossa volta).»

**Mário Lopes**, *Público / Ípsilon*

«Workaholic, perdão, rockaholic português volta à carga; 40 minutos de intensidade máxima.

"Nick Nicotine nasceu em 1977. Faz canções. Irá eventualmente morrer." A frase é retirada do site da Nicotine's Orchestra, cartão de apresentação para quem ainda não conhece ou conhece mal o trabalho do maestro barreirense. Maestro, sim, que conduz não só esta, mas várias outras orquestras que fizeram do Barreiro um dos epicentros do rock n' roll em Portugal, partilhando o ceptro com a Coimbra rainha e com a gaiata Barcelos. Uma história de como o amor à música e às guitarras supera a clausura do tédio.

It's only rock n' roll. Longe de etiquetas mais elaboradas, sejam elas rockabilly, ou blues rock, a Orchestra traduz esse amor por aquilo que há sensivelmente sessenta (!) anos se decidiu apelidar simplesmente de rock. Entre momentos de soul eléctrica e de blues acelerados, não há espaço para descansar - possivelmente virtude da decisão de abandonar o tabaco e da súbita energia que daí veio, como o próprio nos afirmou em entrevista recente. Uma decisão que se reflecte não só neste disco como no facto de já ter um novo, disponível para download aqui. E damos connosco a pensar: como é que Nick Nicotine consegue conciliar tantas coisas com o mesmo grau de eficiência?

É verdade: muito não há a dizer da pujança de um disco quando apenas à décima-segunda faixa, o country de "Rosario", temos espaço para respirar. Antes disso somos apossados por inúmeros fantasmas (daí o título), sejam os mais óbvios como o Cash de "Help Me", sejam os velhos pajés como Screamin' Jay Hawkins, sejam até os mais recentes como Lux Interior, influências que o próprio Nicotine não desdenha. Mas se mencionamos todos estes nomes é apenas para criar um ponto de contacto; Ghosts And Spirits é um excelente disco porque tem excelentes canções - não porque canaliza o espírito da década de 50. Nem ninguém inteligente há-de pensar nisso durante a guitarra de "Let You Down". Esperamos nós.»

**Paulo Cecílio**, [www.bodyspace.net](http://www.bodyspace.net)

«Há muito que o Barreiro deixou de ser a cidade pós-industrial deprimida e passou a integrar uma América imprecisa, talvez no Sul, numa época também ela indefinida. Nomes como Nick Nicotine, músico, produtor, editor e organizador de festivais, colocaram a cidade num roteiro do rock nacional que vive à margem da rádio e de outros circuitos de divulgação.

Este disco, o segundo da Nicotine's Orchestra, é uma boa oportunidade para a rádio se redimir. Muitas das canções que por aqui se ouvem poderiam ter sido escritas na tal América e até figurar em antologias do rock rude, herdeiro da soul e do blues ("Rosario"), tipo George Thorogood ("Love At First Sniff"), topam? Ou, se preferirem, filhas do cruzamento das bandas sonoras de Tarantino ("Help Me") e David Lynch ("Mighty River"), que o psicadelismo também lhes assenta muito bem.

Um disco, já perceberam, cruzamento de muitos e bons imaginários.»

**Jorge Manuel Lopes**, *Time Out Lx*

«Open Water deixa muito mais espaço para simplesmente disfrutar das canções sem que as pernas se sintam impelidas por qualquer força mística a dançar como nos cartoons da Warner Brothers da nossa infância (claro que "Dance With Her", com aquele refrão e ritmo latino, deita esta ideia completamente por terra, mas adiante). O disco é curto, mas cheio de boas intenções e, o que é melhor, de grandes canções: "Magical Girl" é um terno momento de romance adolescente - ou não, que ainda hoje existem muitos choninhas com trinta anos, graças a Deus - e "Love And Science" um bonito gospel made in Barreiro. A dúvida sobre a premissa inicial - lados B de Ghosts & Spirits ou disco de mérito próprio - dissipa-se com a entrada de "Caroline", imenso tema folk sobre uma rapariga e a saudade, que termina em choque eléctrico como se esperaria do artista em questão, prosseguido pela epifania nocturna de "Shadow's There No More". Com tudo isto há apenas uma falha a apontar a Nicotine: obrigar-nos a ler cada vez mais, a aprender novos adjectivos para o elogiarmos. Os de base começam a escassear.»

**Paulo Cecílio**, [www.bodyspace.net](http://www.bodyspace.net)

«Ainda uns tempos valentes antes de lançar novo disco, Nick Nicotine, o maestro da sua orquestra de um homem só, escrevia no seu myspace que andava a ouvir fantasmas e que eles soavam o máximo. Pouco depois, começou a deixar crescer a barba e o cabelo incomensuravelmente, até passar a ser confundido regularmente na rua com o baterista dos Creedence Clearwater Revival. E nós começamos a temer pela sua sanidade mental, não lhe fosse acontecer algo de parecido ao Joaquin Phoenix, que havia renunciado à sua carreira de actor e à sua higiene pessoal. Depois saiu o novo álbum e nós ficámos mais descansados. Afinal, Ghosts and Spirits era apenas um disco mais de estúdio, em que Nick Nicotine decidiu dar voz aos tais fantasmas que ouvia, em canções mais cheias, com coros e teclas, muitas teclas. Nicotine armava-se em Brian Wilson do Barreiro e a sua Nicotine's Orchestra era cada vez mais uma orquestra. E, para passar as novas canções para os palcos, Nicotine apercebeu-se de que o formato one-man band se havia tornado limitado. Assim, convocou novos elementos para a sua orquestra, dando corpos de carne e osso aos tais fantasmas que ouvia e transformando a orquestra de um homem só em banda rock de formato convencional.

Ghosts and Spirits é uma jukebox de treze grandes canções, que não se ficam estanques a um só género. É certo que o pop solar e juvenil de uns Zombies e de uns Beach Boys é a matriz de alguns dos melhores momentos do álbum (Let you down ou, especialmente, Oh Night), mas em Ghost and Spirits há espaço para mais. Há espaço para sintetizadores (Gotta move on), misticismo psicadélico (Love Sweet Divine) ou neo-country nas anfetaminas (Help Me). E, antes do final, há ainda espaço para um temaralhão daqueles capazes de serem hit-single do filme indie do momento (Rosario). Mesmo assim, chegamos ao final e ficamos com a ideia de que, com um ou dois temas a menos, Ghost and Spirits poderia ser perfeito.

Quanto a Open Water, lançado entretanto virtualmente e de forma gratuita, é impossível não cedermos às comparações, tendo em conta a proximidade temporal entre eles. Se bem que Nick Nicotine tem razão: não há qualquer razão que para que os artistas não lancem discos sempre que lhes apeteça. Os Rolling Stones, em 1965, lançaram cinco discos. E isto sem contar com os singles que punham cá fora dia sim, dia não.

Nesse jogo das comparações, Open Water não deixa de parecer um pouco o irmão desdentado de Ghosts and Spirits (a comparação é do próprio). A exceção é Play the Game, soul-rock ao piano em crescendo até a um final explosivo em cacofonia sonora. Open Water é um disco de amor, em que as teclas são o actor principal da maioria dos temas (Magical Girl é tema principal de baile de finalistas de liceu norte-americano dos sixties), que arranca com o homónimo Open Water, genérico para série do “Agora Escolha” (sim, é elogio), e termina com Caroline, cordas à Kurt Vile e acid-folk à espreita.»

**Pedro Soares**, [www.mesclasonora.com](http://www.mesclasonora.com)

«Daqui a uns anos, colhemos tempestades.

A história começa há cinquenta anos, quando Daniel Bacelar e Joaquim Costa já aí andavam a emular o yé-yé do Gene Vincent e Elvis Presley. A onda de Conjuntos (Académicos, do João Paulo, ou do Ruy Manuel) espalhou-se com o sucesso possível em alturas do Antigo Regime, mas era lixado para se manterem à tona. Os anos 80 são aquilo que se sabe e nos anos 90 o rock parecia pronto a germinar pelo país fora. Mas só ao entrar no milénio, livres do ‘Bug’ que ia estourar com tudo o que era aparelho electrónico, é que o rock apareceu verdadeiramente livre e espalhou-se que nem vírus por todo esse país fora. De repente parecia que “neste país” podíamos ter tanto rock como os Estados Unidos celebravam desde os anos 50. Pelo menos para aqueles que o queriam ver agora e não se preocupavam em espreitar o passado.

É que Portugal é um país (cheio) de rock. De norte a sul do país, são várias as bofetadas, socos e pontapés que atingem em cheio os que ainda teimam dizer “só neste país”. Uma expressão de conotação negativa e até depreciativa que, face ao que “este país” nos tem oferecido, está na altura de expressar satisfação por só “neste país” se fazer tanta coisa boa. Nick Nicotine é uma das provas que “este país” está a mudar (ou já mudou?) e começa a ser cada vez mais um caldeirão fervilhante de boas ideias.

Olhar e ouvir este rapaz oriundo do Barreiro e não pensar em Legendary Tigerman é praticamente impossível: ambos respiram blues rock e ambos são adeptos da solidão musical. Ou como se diz por aí, são um one-man-show e não deixam mais ninguém tocar nos seus instrumentos. Ora, o rock de Nick Nicotine balança entre o electro blues, o rockabilly e a americana bem desértica. E nós balançamos (ou gingamos) a anca e o pé ao som da boa música deste rapaz.

A dupla de abertura – It Was Me e Move On – dão a toada forte que nos berra ao ouvido “toca amexer e a abanar o corpo”. Mas sem derramar a cerveja, claro. Vamos avançando entre terrenos que Paulo Gonzo já explorou nos já extintos Go Graal Blues Band (sim, o homem de Jardins Proibidos já fez algum do blues mais contagiante do país) até ao ponto alto – falo por mim – do disco: a faixa I Smell Trouble, que veste um negro à la Nick Cave.

Daí até ao fim o problema maior é o disco soar algo genérico. Não vai agradar aos puristas que cresceram a ouvir John Mayal ou Canned Heat, mas poderá agarrar os que acham que o My Father’s Eyes do Eric Clapton é uma pérola perdida do blues mundial. E atenção, isto não é deforma alguma perjúrio: encontrar-se no labirinto da identidade à primeira é caso raro. O disco agarra-nos com rock que enrola e faz-nos lembrar Dax Riggs, modo vagabundo de vagão. Nick Nicotine mostra que o blues está bem-vivo em Portugal e, à primeira semeou bons ventos. Da próxima vez vamos com ele colher tempestades.»

**António M. Silva**, [www.pontoalternativo.com](http://www.pontoalternativo.com)

## DISCOGRAFIA

**The Sullens** - The Sullens - Cdr (Hey! 001) - 2000

**The Ballyhoos** - Telepathic - Cdr (Hey! 002) - 2000

**Dynamic Duel** - Moby Dick - Cdr (Hey! 003) - 2000

**The Sullens** - The Sullens - 7" (Bee 040) - 2001

**The Ballyhoos** - Ballyhoo Riot - 7" (Hey! 005) - 2002

**Los Santeros** - Live At Chihuahua '77 - K7 (Hey! 007) - 2002

**Cais Do Rock Vol. 4** - Cd (Lf 058) – 2002 24. The Ballyhoos – Woman  
**Los Santeros** - Respeto Y Honor - Cdr (Hey! 008) - 2003  
**Big River Johnson** - Wang Dang Doodle - Cdr (Hey! 009) - 2003  
**The Act-Ups** - I Bet You Love Us Too - Cd (Hey! 010) - 2003  
**The Ballyhoos** - The Ballyhoos Vs. Bananas Split - 7' (Hey! 011) - 2003  
**Rocksound Magazine Cd Sampler** - Jan. 2004 12. The Act-Ups - I Bet You Love Me Too  
**Superfuzz Original Soundtrack** - Cd (Lf 061) – 2005 19. The Act-Ups - The Bourgeois  
**The Act-Ups** - The Marriage Of Heaven And Hell - Cd (Hey! 012) - 2006  
**Nicotine's Orchestra** - 6 Songs - Cdr (Hey! 013) - 2006  
**The Act-Ups** - The Marriage Of Heaven And Hell - Lp (Bm 001) - 2006  
**The Act-Ups** - Take Me Home - 10' (Groo 002) - 2006  
**Nicotine's Orchestra** - Live At Louie Louie - Cdr (Edição De Autor) - 2006  
**Nicotine's Orchestra** - La Trahison Des Sons - Cd (Hey! 014) - 2007  
**The Act-Ups** - Play The Old Psychedelic Sounds Of Today - Cd (Hey! 015) - 2008  
**The Act-Ups** - Play The Old Psychedelic Sounds Of Today - Lp (Groo 013) - 2008  
**The Act-Ups** - Live Again - Cdr (Hey! 016) - 2008  
**The Sullens** - Death Rattle Saloon - Cd (Edição De Autor) – 2009 5. The Most Notorious Case Of Post-Operative Blues (Órgão)  
**Singing Dears** - Like An Insect - Cd (Hey! 018) - 2009  
**Tiago Guillul** - V - Lp/Cd (Fc 028) – 2010 9. Barreiro Rock City (Coro E Guitarra)  
**Barreiro Rocks** - Mp3 (Optimus Extra 4) - 2010  
**Nicotine's Orchestra** - Ghosts And Spirits - Cd (Hey! 019) - 2010  
**Fast Eddie & The Riverside Monkeys** - Bovine Intervention - Cd (Hey! 020) - 2010  
**Hey, Pachuco! 10th Anniversary Compilation** - Lp (Hey! 021) - 2010  
**Nicotine's Orchestra** - Open Water - Mp3 (Hey! 023) - 2011  
**Mixtape 20 Anos Ruptura Explosiva** – Mp3 (FC 026 / AF 02) – 2011 3. Nicotine's Orchestra – The Ballad of Bodhi and Utah  
**Nicotine's Orchestra** – Gypsicalia - 2012  
**Nicotine's Orchestra** – 77D13 - 2013

### **BANDAS (NO ACTIVO):**

**The Act-Ups; The Ballyhoos; Los Santeros; Nicotine's Orchestra (a.k.a. Nick Nicotine and His Mystical Orchestra; Nick Nicotine's Rock Gomorrhah); Singing Dears; Bro-X; Fat Pack; Os Sultões**

## **LINKS**

→ [www.nicotinesorchestra.com](http://www.nicotinesorchestra.com)  
→ [www.facebook.com/nicotinesorchestra](https://www.facebook.com/nicotinesorchestra)  
→ [www.heypachuco.com](http://www.heypachuco.com)

## **CONTACTO**

OUT.RA

**Tiago Sousa**

E-mail: [tiago@outra.pt](mailto:tiago@outra.pt)

Telefone: 965 567 988